

VISÕES SOBRE A ANTIGUIDADE TARDIA

Renan Frighetto

Os estudos sobre a Antiguidade Tardia ganharam, no século XXI, um grande impulso no campo da historiografia. Isso se deve, por certo, ao impacto provocado pela contribuição oferecida na segunda metade do século XX por historiadores do porte de Henri-Ireneé Marrou e de Peter Brown, além de uma série de pesquisadores a eles vinculados, como são Jean-Michel Carrié, Averil Cameron, Ian Wood, Michael Kulikowski e Bryan Ward-Perkins, para lembrarmos de alguns exemplos. Por outro lado, encontramos também historiadores vinculados a outros espaços historiográficos além dos provenientes do mundo anglo-saxão e francês, como são Andrea Giardina, Arnaldo Marcone, Rita Lizzi Testa e Valerio Lieta Neri, associados a historiografia italiana, bem como Pablo Díaz Martínez, Rosa Sanz Serrano e Santiago Castellanos, importantes historiadores e pesquisadores da historiografia espanhola. Temos, também, representantes desses estudos tardo-antigos na academia brasileira, dos quais destacamos Ana Teresa Marques Gonçalves, Gilvan Ventura da Silva, Margarida Maria de Carvalho, bem como nossas pesquisas que há mais de 25 anos apontam esse momento histórico entre os séculos II e VIII característico do ambiente espacial do Mediterrâneo como dinâmico e essencial ao desenvolvimento científico do conhecimento histórico.

Evidente que no interior do debate historiográfico ainda existem questões que merecem uma atenção mais destacada por parte dos especialistas que denominamos como tardo-antiquistas, como o do “fim” do Império Romano do Ocidente e a consequente “queda” de Roma no século V que projetaria os territórios romanos ocidentais à um mundo medieval. De fato, os temas relacionados à história político-institucional que nos apresentam como foi feita, de forma contínua e paulatina, a substituição da autoridade imperial pelas autoridades régias romano-bárbaras entre os séculos V e VIII, receberam nos últimos anos uma atenção especial, isso graças a crítica realizada por Andrea Giardina sobre os temas de história política que ficavam sempre à margem, “nas sombras”, dos estudos relativos ao homem santo, a santidade e ao alçamento do cristianismo naquele mundo tardo-antigo. Porém, esse olhar centrado em temas sociorreligiosos e culturais acabou oferecendo uma visão superlativa da ecclesiocrístã, minimizando os outros espaços institucionais, como o dos poderes imperial e régio, sempre colocados “a reboque” do poder eclesiástico, visão que muitos preservam tanto à análise da Antiguidade Tardia como da subsequente Idade Média. Nesse sentido, torna-se essencial equilibrarmos a análise dos conjuntos institucionais que dispomos para podermos oferecer novas abordagens sobre esse mundo rico e variado da Antiguidade Tardia.

FRIGHETTO, Renan. Visões sobre a antiguidade tardia. *Antiguidade Tardia*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



Os Tetrarcas – Veneza.

Partindo dessa premissa, lembramos de importantes processos político-culturais que tiveram seu início no mundo imperial romano do século II, como o do regionalismo provincial que acabou concorrendo, em alguns casos, com o próprio poder imperial romano. Processo que pode ter influenciado, inclusive, os próprios movimentos dogmáticos que multiplicaram as crenças cristãs ao longo de todos os territórios imperiais romanos, levando-nos a constatar a existência de vários cristianismos que em muitos casos, sobreviveram ao próprio Concílio de Niceia de 325. Além disso, o regionalismo provincial pode ser conectado a um processo institucional de grande impacto no mundo romano e que pode ser ampliado às monarquias romano-bárbaras instaladas nas províncias ocidentais a partir do século V, o da partilha do poder entre dois ou mais governantes, o que nos leva a pensar na existência de um processo histórico de longa duração que faria daquelas monarquias romano-bárbaras parte tanto do regionalismo como da partilha do poder político no ocidente romano. E de forma concomitante a estes processos, como elemento explicativo da substituição da autoridade imperial pelos reis romano-bárbaros, encontramos aquilo que definimos como “o estado permanente de conflito” praticado por estes últimos contra a autoridade imperial romana como forma de liderar militarmente suas hostes e, ao mesmo tempo, afiançar as suas condições de reis diante de seus grupos aristocráticos, verdadeiros garantes daquelas monarquias que congregavam elementos romanos e bárbaros.

Logo, podemos dizer que estes são alguns dos questionamentos que movem as análises historiográficas sobre o mundo do mediterrâneo da Antiguidade Tardia, período distante da noção de

FRIGHETTO, Renan. Visões sobre a antiguidade tardia. *Antiguidade Tardia*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

“trevas” e de “obscuridade”, mas que também deve afastar-se da ideia de ser uma fase dourada. Acima de tudo, a Antiguidade Tardia é um período histórico que, parafraseando um grande historiador espanhol, Fernando Gascó, merece ser historiado.

Para saber mais

BROWN, Peter. *Society and the holy in Late Antiquity*. Berkeley – Los Angeles – Oxford: University California Press, 1989.

GIARDINA, Andrea, «Esplosione di tardoantico», *Studi Storici*, n° 40/1, 1999 (p. 157 – 180).

FRIGHETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações. Séculos II – VIII*. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

FRIGHETTO, Renan. Visões sobre a antiguidade tardia. *Antiguidade Tardia*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>